

1. Título da proposta: Reflorestando a Universidade com Raizeiras e Raizeiros do Cerrado

2. Título do(s) projeto(s) de pesquisa cadastrado na Plataforma Lattes que se relaciona(m) ao auxílio solicitado: Práticas e saberes populares/tradicionais: contextos de criação e produção de conhecimento

3. Contextualização da proposta:

O presente projeto de pesquisa visa discutir práticas de reflorestamento do campus Darcy Ribeiro com raizeiras e raizeiros do Cerrado. Para tanto, pretende trazer raizeiras e raizeiros do Cerrado da região de Cavalcante, Goiás, para estabelecer esse diálogo e, ao mesmo tempo, pensarmos e executarmos um projeto de recuperação e restauração de áreas verdes da Universidade de Brasília. Nos grupos de pesquisa e extensão que estamos envolvidos, buscamos compreender a potência criativa do ofício de raizeiras e raizeiros do Cerrado, visando a patrimonialização deste ofício junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN. No desenvolvimento desses projetos, observamos a importância das raizeiras e dos raizeiros como guardiães e guardiões de sementes, mudas e plantas do Cerrado (Guimarães et. al 2023; Guimarães, 2017). Diante desses caminhos que seguimos até o momento, apresentamos este projeto de pesquisa com o seguinte problema técnico de:

1. Realizar a restauração e recuperação de áreas de verdes da UnB com plantas do Cerrado, especialmente porque a universidade encontra-se na região do bioma Cerrado e deve se vincular/conectar com o bioma Cerrado.

Os povos cerratenses, como as raizeiras e raizeiros do Cerrado, vivem neste bioma há mais de 12 mil anos, sempre convivendo de forma sustentável, promovendo transformações vivas do bioma. Hoje, são mais de 80 etnias indígenas presentes, além dos quilombolas, trabalhadoras e trabalhadores extrativistas, geraizeiros, vazanteiros, quebradeiras de coco, ribeirinhos, pescadores artesanais, barraqueiros, fundo e fecho de pasto, sertanejos, ciganos, entre tantos outros. Representam a sociobiodiversidade enquanto conhecedoras/es e guardiães/ões do patrimônio ecológico e cultura da região. Esses povos e comunidades de cultura ancestral vivem, principalmente, do extrativismo, do artesanato e da agricultura familiar. Seus modos de vida são importantes aliados na conservação do bioma, pois formam paisagens produtivas que proporcionam a continuidade das ações ambientais vitais prestadas pelo Cerrado, como a manutenção da biodiversidade e dos ciclos hidrológicos. O Cerrado ocupa 24% do território nacional e é considerado a savana mais biodiversa do mundo, concentrando 5% de toda a biodiversidade do planeta. Está presente em onze estados brasileiros: Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, São Paulo, Paraná, Rondônia, além do Distrito Federal, onde vivem cerca de 25 milhões de pessoas, distribuídas em 1.330 municípios. Conhecido como o “berço das águas”, o Cerrado abriga oito das doze regiões hidrográficas brasileiras e abastece seis das oito grandes bacias hidrográficas do Brasil (Amazônica, Araguaia/Tocantins, Atlântico Norte/Nordeste, São Francisco, Atlântico Leste e Paraná/Paraguai). De acordo com a Rede Cerrado¹, existem cerca de 10 mil espécies de plantas no Cerrado, das quais 44% são

exclusivas do bioma, além de uma fauna riquíssima: com 250 espécies de mamíferos, 856 espécies de aves, 800 espécies de peixes, 262 espécies de répteis e 204 espécies de anfíbios. O segundo maior bioma brasileiro está sendo extinto, é pouco reconhecido e protegido nacionalmente, está sendo rapidamente substituído por extensas áreas de monoculturas, pecuária e áreas urbanas. A devastação da cobertura vegetal do Cerrado já chega a 52% do território, comprometendo nascentes, rios, riachos, além dos seus povos. Esse valor socio-bio-diverso do Cerrado está ameaçado. O modelo de desenvolvimento que vigora no bioma mata suas plantas, seca suas águas e leva a extinção seus animais e, também, promove o epistemicídio e continuidade da vida de povos e comunidades tradicionais. O povo que ali reside, as águas que dali partem, as plantas que dali afloram e se aprofundam na terra e a vida animal que pulsa precisam cada vez mais de cuidado e atenção para continuar.

Neste sentido, este projeto visa, especialmente, valorizar e potencializar os conhecimentos produzidos pelos guardiões e guardiãs dos saberes ancestrais relativos ao bioma, que cuidam desse, assim com o bioma cuida deles/as. Estabelecer diálogos interespistêmicos entre esses/essas guardiãs e docentes, discentes e técnicos da universidade, buscando apoiá-las/os na defesa da vida do bioma é ação central para este projeto.

As raizeiras e raizeiros do Cerrado tem o território tradicional do Cerrado como elemento central para a construção da identidade desses coletivos, pois a referência ao lugar de origem ou de pertencimento tem grande importância, está na raiz da formulação coletiva de grande parte das identidades (Nogueira, 2009: 126). Os raizeiros e raizeiras do Cerrado vivem em interação com o território, procuram evitar grandes transformações ao seu meio ambiente, pois possuem um estreito vínculo de subsistência, construído ao longo de centenas de anos, quando aprenderam a conviver com seus desafios. De acordo com Guimarães et. al (2023: 147), as raizeiras e raizeiros do Cerrado:

“(...) são figuras centrais no cuidado com a vida plena das pessoas e ao mesmo tempo cuidam do bioma Cerrado, de onde retiram remédios e alimentos para o cuidado com a vida. São herdeiras de conhecimentos ancestrais, nos termos de Hampate Bâ (2010), dinamizando uma “tradição viva”, que se corporifica na terapeuta por onde fluem saberes ancestrais. Fazem parte da classe popular, trabalhadora, de áreas rurais ou peri-urbanas da região ... (do Cerrado).”

As guardiãs e os guardiões desse ofício tradicional são também guardiãs de suas sementes, envolvem-se em áreas de reflorestamento, criam viveiros onde produzem mudas como vemos Geovania, raizeira de Cavalcante/GO, e Lucely Pio, raizeira do Mineiros/GO, realizarem. Nesse sentido, este projeto se vincula ao tema “2.2.3 Desenvolvimento de estratégias de recuperação e restauração para áreas de conservação dos campi da UnB”, do presente edital, o que nos leva a vincular essa perspectiva de guardiãs de sementes com ações de recuperação e restauração de áreas verdes em centros urbanos, no caso, a Universidade de Brasília, pois essas áreas se ligam, interagem com o bioma, o qual segue em destruição constante. As raizeiras entendem que essa recuperação e restauração de áreas urbanas, tornando-as mais verdes com plantas e árvores do Cerrado e não somente gramados, criam vínculos de cuidado com o bioma. Nesse sentido, criar um projeto de restauração e recuperação de áreas verdes no campus da UnB será um elemento importante, tanto na criação dessa rede de cuidado com o bioma quanto como prática pedagógica para

a comunidade universitária. Ponto central é levantar o debate sobre a potencialidade do bioma, que é usado pelos povos e comunidades tradicionais como fonte de cura, quando se torna remédios caseiros, e alimentar.

Como público-alvo que será tocado por essa ação, há as raizeiras e raizeiros que terão espaço de diálogo e divulgação da importância do seu ofício; a comunidade universitária que estará envolvida com epistemologias preciosas que visam a conservação do Cerrado.

Como impacto socioambiental esperado está a importância de mobilizar a comunidade acadêmica a refletir sobre a importância do bioma Cerrado e sobre como áreas verdes urbanas se conectam com o bioma e devem manter essa interação sustentável com o bioma. Como nos alertou Tatinha, raizeira da área metropolitana de Belo Horizonte, quando visitou a esplanada dos Ministérios em Brasília e estranhou ter somente gramado e nenhuma árvore do Cerrado, que era importante ter árvores e gramíneas do bioma presente para mostrar a importância do bioma, especialmente na capital que foi erguida no bioma Cerrado. Nesse sentido, há um movimento de raizeiras e raizeiros do Cerrado conjuntamente com demais povos e comunidades tradicionais do Cerrado de incluir o bioma no parágrafo 4º do artigo 225 da Constituição Federal que prevê proteção especial a algumas regiões e alguns biomas do país: o Pantanal Mato-grossense, a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Serra do Mar e a Zona Costeira. Esses são definidos como patrimônio nacional, e sua utilização depende de condições especiais de exploração. A luta dos povos cerratenses é por ter o bioma Cerrado incluído nesse dispositivo constitucional.

4. Metodologia:

Este trabalho visa, por meio de metodologias de rodas de conversa e oficinas, reunir a equipe de pesquisa do presente projeto com as raizeiras Geovania e Dona Cecília e o raizeiro Seu Emílio de Cavalcante/GO e também contar com a participação da equipe de técnicos da SEMA da UnB (indicada pela SEMA), para efetivar o presente projeto de restauração e recuperação de áreas verdes da UnB com plantas do Cerrado.

Para tanto, o presente projeto contará com as seguintes atividades para sua execução, em ordem de cronológica e de organização e desenvolvimento:

1ª Atividade de roda de conversa para discutir a importância da restauração de áreas urbanas com plantas do Cerrado e discutir a importância das raizeiras e raizeiros do Cerrado para a conservação do Cerrado:

- Organizar rodas de conversa com os raizeiros e raizeiras do quilombo São Domingos para compartilhar conhecimentos tradicionais sobre plantas nativas do Cerrado

2ª Atividade visita aos jardins da UnB;

- Organizar atividade com a coordenação dos jardins da UnB

3ª Atividade construção do projeto de restauração de áreas verdes da UnB;

- Mapeamento da Área de Reflorestamento: Identificar e mapear a área destinada ao reflorestamento para calcular a quantidade de mudas necessárias

4ª Atividade de oficinas de coleta de sementes no Cerrado e conversas sobre usos e produção de mudas das sementes:

- Mapear áreas do Cerrado para coleta de sementes e organizar oficinas sobre

seleção, plantio e acompanhamento do desenvolvimento das mudas.

5ª Atividade de oficinas de reflorestamento em área próxima ao ICS e outras áreas da UnB: Levar equipe para realizar a atividade com a coordenação das raizeiras e raizeiro e planejar o monitoramento das áreas. Inserir corpo discente para participar ativamente do plantio das mudas na área de reflorestamento;

6ª Atividade de oficinas de observação de plantas do Cerrado, discussão de seu poder curativo e produção de oficinas de garrafada (remédio caseiro):

- Ação será coordenada pelas raizeiras

7ª Atividade monitoramento das áreas restauradas:

- Implementar um plano de monitoramento e acompanhamento das áreas reflorestadas, garantindo o sucesso da restauração.

Por meio dessas atividades, iremos construir e executar o projeto de restauração de áreas verdes da UnB e, ao mesmo tempo, iremos discutir com raizeiras e raizeiros do Cerrado, em um diálogo interespitêmico, a importância dos conhecimentos tradicionais, dos quais são guardiãs e guardiões, para a proteção do bioma. Integrar o corpo discente, docente e técnicos da Universidade com as guardiãs e guardiões do Cerrado, discutindo e realizando ações relacionadas ao meio ambiente para conhecerem e participarem de ações nos jardins da UnB, serão um atividade de promoção de educação ambiental.

Para tanto, iremos trabalhar com as metodologias de rodas de conversa e oficinas. As rodas de conversa configuram-se em uma abordagem legítima de busca de conhecimento em uma pesquisa qualitativa. Assim, será usada para adentrar os significados das ações e interações das pessoas com o mundo para desvendar sentidos e significados das narrativas. Por meio da roda de conversa, as narrativas irão aflorar, especialmente em conjunto, não será uma única narrativa, mas várias, que se encontrarão no momento da roda. As pessoas irão tratar dos temas de discussão, recordar, encontrar pontos de convergência e divergência onde temporalidades irão se somar e as narrativas fluir. De acordo com Moura e Lima (2014), a roda de conversa precisa ser feita em um ambiente agradável para que o diálogo seja um momento de partilha. Ainda, segundo as autoras:

“As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo.” (2014: 101)

Portanto, no momento das rodas de conversa estabelecidas com a equipe e as raizeiras, serão discutidos os seguintes eixos temáticos: 1. a importância da restauração de áreas urbanas com plantas do Cerrado; 2. a importância das raizeiras e raizeiros do Cerrado para a conservação do Cerrado e 3. Construção do projeto de restauração de áreas verdes da UnB.

No caso das oficinas, essas são também uma metodologia usada nas pesquisas qualitativas, quando a narrativa emerge conjuntamente com um saber/fazer e dinamiza a relação entre grupos de pessoas. Permite que uma ação pedagógica desencadeada na oficina crie espaços de diálogo e experiências, vivências. De acordo com Candau (1995), a oficina se constitui em um espaço de construção coletiva do

conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências. A oficina mobiliza, em torno de uma atividade ou de um saber-fazer, a participação coletiva, o diálogo. Também permite, segundo Omiste et. al (2000), viver situações concretas, no caso, a expressão tradicional do saber-fazer das raizeiras. Essa expressão serão os temas das oficinas que serão ministradas por elas, tornando-se “unidades produtivas de conhecimentos” (Omiste; López; Ramírez, 2000, p.178).

Todo o processo, o qual inclui as atividades elencadas acima, será documentado pelo técnico do IRIS, laboratório de audiovisual do Departamento de Antropologia da UnB, que faz parte da equipe de pesquisa.

Referências

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos** . 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUIMARÃES, S.; MAUES, C. ; FONSECA, C. ; FONSECA, J. ; ROCHA, W. ; PASSOLD, S. B. C. ; SANTOS, R. . Terapeutas Populares ou Tradicionais e o cuidado com as pessoas e o Cerrado: ações de extensão. **Participação**. Revista do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, v. 1, p. 146-158, 2023.

GUIMARÃES, S.. Olhares diversos sobre pessoas e corporalidades: os saberes e práticas de terapeutas populares na região do DF e entorno. In: Dias, Cristina; Guimarães, Silvia. (Org.). **Antropologia e Saúde: diálogos indisciplinados**. 1ed.Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2017, v. 1, p. 68-99.

MOURA, Adriana & LIMA, Maria. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. 2009. Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. **Tese de doutorado em antropologia**. Brasília: UnB.

OMISTE, A . Saavedra; LÓPEZ, Maria Del C.; RAMIREZ, J. Formação de grupos populares:uma proposta educativa. In CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (Org.) **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.